



ARTIGO ORIGINAL

PERCEPÇÕES DE ENFERMEIROS SOBRE O ATENDIMENTO À VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL

Nurses' perception about the care for victims of sexual violence

Melissa Perucci¹, Maria Fernanda Pereira Gomes², Kesley de Oliveira Reticena de Oliveira Reticena², Valéria Cristina dos Santos Carvalho², Mariana Souza Santos³, Fabiana Duarte De Souza Reis⁴, Helena Maria Felício⁵

RESUMO

Compreender a percepção dos enfermeiros sobre o atendimento à vítima de violência sexual. Pesquisa descritiva, exploratória de abordagem qualitativa. Participaram da pesquisa 10 enfermeiras que trabalham no atendimento de vítimas de violência sexual em um hospital do interior do Estado de São Paulo - SP, Brasil. As entrevistas foram realizadas com auxílio de roteiro semiestruturado em datas previamente agendadas com os profissionais no período de janeiro a fevereiro de 2018. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas na íntegra. Para a análise de dados utilizou-se a análise temática de conteúdo. As enfermeiras não se sentem confortáveis e preparadas para atender as vítimas de violência sexual, pois só atuam nesse tipo de atendimento porque o programa está implantado na instituição e faz parte de suas atribuições profissionais. Evidenciam-se fragilidades na qualificação e educação permanente dos profissionais para realizarem esse tipo de atendimento. Conclui-se que os enfermeiros acreditam que seu atendimento não se dá de maneira qualificada e integral, como as vítimas atendidas merecem. **Palavras-Chave:** Violência sexual, Assistência de enfermagem, Enfermagem forense.

ABSTRACT

This study aimed to understand the nurses' perception about the care for victims of sexual violence. It was a descriptive exploratory research with qualitative approach. Research population comprised ten nurses working in the care for victims of sexual violence in a hospital in the interior of the State of São Paulo-SP, Brazil. Semi-structured interviews took place on dates previously scheduled with the professionals, from January to February 2018, which were recorded and then transcribed in full. For data analysis, the thematic content analysis was applied. The nurses do not feel comfortable and prepared to assist the victims of sexual violence, since they only act in this type of care because the program was implemented in the institution and is part of their professional assignments. Weaknesses in the qualification and permanent education of professionals to perform this type of care were identified. It is concluded that nurses believe that their care does not occur in a qualified and comprehensive manner, the way the victims assisted deserve.

Keywords: Sexual violence, Nursing care, Forensic nursing.

1 Graduada do curso de enfermagem da UNIP

2 Docente do curso de enfermagem UNIP

3 Docente e coordenadora do curso de enfermagem da Universidade Paulista - UNIP

4 Docente do curso de medicina da Fundação Educacional do município de Assis-SP

5 Enfermeira especialista em Administração dos Serviços de Saúde

INTRODUÇÃO

A violência tornou-se uma preocupação perante à sociedade, um problema de saúde pública, havendo a necessidade de gerar políticas governamentais próprias para esta situação devido ao número de vítimas e as sequelas orgânicas e emocionais que provocam.¹ A violência sexual engloba vítimas de ambos os sexos e não se restringe a idade, etnia ou classe social, ocorrendo em diferentes contextos ao longo da história da humanidade.^{2,3} As mulheres são as principais vítimas, em qualquer período de suas vidas.^{2,3}

A assistência às vítimas em situação de violência sexual deve ser organizada com base em conhecimentos científicos atualizados, bases epidemiológicas, tecnologia apropriada e profissionais preparados.⁴ É imprescindível que os serviços de saúde estejam organizados com protocolos específicos que possibilitem a atuação dos profissionais de saúde de forma integral e equânime às vítimas de violência sexual com a definição de fluxo adequado.⁴ Neste contexto os serviços de saúde, as autoridades policiais, os setores de emergência, as escolas e a sociedade civil organizada devem conhecer e divulgar como funciona esse tipo de atendimento.⁴

Outro ponto importante a destacar é que os profissionais de saúde devem estar preparados para notificar qualquer suspeita ou confirmação de violência.⁴

Nesta perspectiva, o atendimento a vítima de violência sexual pelo profissional de enfermagem engloba a especialidade enfermagem forense.⁵ A enfermagem forense foi reconhecida como especialidade em 1992, através da criação da *International Association of Forensic Nursing* - IAFN, fundada por 72 enfermeiras norte americanas que já realizavam exames de perícia em vítimas de abuso sexual e estupro. Essa associação é responsável por rever e regulamentar a prática da enfermagem forense internacional, e também incentivar a pesquisa e o aperfeiçoamento dos profissionais que executam estas atividades em países com alto índice de violência.⁵

As vítimas são atendidas por vários profissionais, inclusive por enfermeiros forenses, que realizam perícias em casos de violência doméstica, abuso sexual e estupro. A enfermagem forense é praticada pelo profissional enfermeiro, onde este examina, coleta evidências e realiza cuidados e assistência à saúde na vítima de violência. Este cuidado é referente a observação de aspectos biopsicossociais dos indivíduos.⁵

O enfermeiro forense pode atuar em várias áreas como: escolas, comunidade, hospitais, instituto médico legal, entre outros onde existam pessoas em situações de violência.⁶

Com o aumento do número de vítimas de violência, tem surgido a necessidade de capacitar profissionais da saúde para realizar um atendimento seguro, sem maiores danos ao paciente, com uma visão técnica, científica e com

METODOLOGIA

A presente pesquisa é descritiva, exploratória e de abordagem qualitativa. Foi utilizada abordagem qualitativa para realização da pesquisa devido à escassez de profissionais que realizam o atendimento a vítima de violência na região. O verbo que define a abordagem qualitativa é compreender, sendo utilizado para avaliar a percepções e opiniões dos entrevistados.⁷

A pesquisa foi realizada em um hospital de médio porte no município de Assis, interior do Estado de São Paulo, Brasil, com uma amostra de 10 enfermeiras atuantes num programa que atende vítimas de violência sexual, essa amostra foi definida por conta da disponibilidade das enfermeiras na participação da pesquisa. Este programa

conhecimentos da legislação vigente. Atualmente ainda há pouco conhecimento desta especialidade, o que instiga a pesquisar este tema e revelar a percepção dos enfermeiros que atuam nessa área.

Dessa forma, o objetivo posto para esta pesquisa é compreender a percepção dos enfermeiros sobre o atendimento à vítima de violência sexual.

foi implantado em 2006, e realiza atendimentos a mulheres, crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, de 25 municípios da região.

São atendidos pelas enfermeiras que atuam no programa, vítimas de violência sexual de diversas faixas etárias: vítimas de 0 a 11 anos 11 meses e 29 dias do sexo feminino e masculino pelas enfermeiras do núcleo neonatal e pediátrico, e vítimas do sexo feminino a partir de 12 anos pelas enfermeiras do núcleo obstétrico. O atendimento é realizado de forma a não expor a vítima, com o atendimento humanizado, ética por parte dos profissionais além da participação de equipes multiprofissionais incluindo enfermeiros.

Os critérios de inclusão para os participantes da pesquisa foram: ser

enfermeiro e atuar no atendimento direto a vítimas de violência.

A coleta de dados se deu por meio de roteiro semiestruturado elaborado pelos próprios autores, sendo realizadas entrevistas no período de 19 de janeiro de 2018 a 28 de fevereiro de 2018, gravadas com auxílio de mídia digital após consentimento das participantes. As entrevistas ocorreram em data previamente agendada com as profissionais, no próprio local de trabalho de forma a não atrapalhar o processo de trabalho das mesmas.

Após a transcrição das entrevistas utilizou-se a análise temática de conteúdo descrita por Minayo, a partir da qual emergiram as temáticas “Identificando fragilidades no atendimento de vítimas de violência

pela enfermagem” e “Sugerindo melhorias para atuação da enfermagem forense”.⁷

A presente pesquisa obedeceu aos aspectos éticos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UNIP sob o nº de CAE: 73345417.9.0000.5512 e nº de parecer: 2.276.365. Foi disponibilizado o termo de consentimento livre e esclarecido às participantes em duas vias, sendo que 1 via ficou com a participante e a outra com o pesquisador. A identidade das participantes foi preservada, sendo que nos resultados as falas foram identificadas como Enfermeira seguido das 10 primeiras letras do alfabeto, de A a J.

RESULTADOS

Participaram da pesquisa 10 profissionais, todas do sexo feminino, com idade média de 37,8 anos. Duas enfermeiras eram solteiras, uma vivia em união consensual e sete eram casadas. O tempo médio de formação das enfermeiras foi de 14,2 anos e o tempo médio de atuação no programa foi de 8,3 anos. Quanto aos setores de atuação, uma era da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Neonatal, duas da UTI

Pediátrica, três da Pediatria e quatro da Clínica Obstétrica.

A partir da análise dos dados, foi possível conhecer a atuação e percepção das enfermeiras sobre o atendimento prestado, emergindo as categorias “Identificando fragilidades no atendimento de vítimas de violência pela enfermagem” e “Sugerindo melhorias para atuação da enfermagem forense”, conforme explicado a seguir.

Identificando fragilidades no atendimento de vítimas de violência pela enfermagem

A maioria das enfermeiras relatou não estar confortável em realizar o atendimento às vítimas de violência, pois não receberam treinamento adequado:

Porque a gente invade uma privacidade quando se fala da sexualidade, é uma coisa muito íntima, um tabu, então eu acho que não somos preparados suficiente para isso (Enfermeira A).

Também, por vezes, as enfermeiras precisam deixar suas rotinas e setores para realizar um atendimento, deixando-as incomodadas:

A maioria das pessoas que atende o programa se sentem

incomodadas, pois você precisa deixar um ambiente em que já trabalha para se envolver com outro assunto (Enfermeira B).

Outro ponto observado é que o atendimento à vítima é deficiente, pois as profissionais que ali trabalham não sabem ao certo como abordar a vítima.

Não consigo chegar no paciente e perguntar o que ocorreu, tenho dificuldade de iniciar a comunicação, então eu deixo a vítima falar primeiro (Enfermeira D).

Todas as enfermeiras afirmaram que existe um protocolo de atendimento do programa, a partir do qual ocorreu uma capacitação para a realização do mesmo, porém, alguns profissionais

mais novos na função não foram treinados.

Nunca recebi capacitação sobre como atender a vítima, somente capacitação para cumprir o protocolo de atendimento (Enfermeira C).

Foi feito um treinamento inicial, mas depois disso não teve mais, foi só esse treinamento mesmo (Enfermeira F).

Nunca recebi nenhum tipo de capacitação (Enfermeira H).

Evidenciou-se que o atendimento realizado pelas enfermeiras às vítimas de violência é apenas o cumprimento do protocolo.

A gente participa do atendimento junto com o médico, tem um manual de rotina que a gente segue, faz as perguntas e a criança vai contando a história do ocorrido e então preenchemos a ficha de notificação (Enfermeira E).

Após o Boletim de Ocorrência a vítima é encaminhada para o hospital ou IML para exame físico, fazemos o acolhimento e após a realização de exames solicitados, ela é medicada e vai sair do atendimento

com toda a
medicação
necessária e
agendamento
com psicólogo,
infectologista e
assistente social
(Enfermeira G).

Sugerindo melhorias para atuação da enfermagem forense

As enfermeiras acreditam que o acolhimento às vítimas de violência seria mais eficaz se houvesse um profissional preparado e exclusivo para atender essas situações.

Acredito que o
profissional
preparado para
atender essa
vítima vai saber
como abordar a
vítima e
consegue uma
anamnese mais
completa
(Enfermeira J).

As enfermeiras sugerem que, a partir de uma qualificação adequada para atender as vítimas de violência, é

possível coordenar o cuidado de forma mais eficaz:

Se você já tiver
uma capacitação
é bem melhor,
porque aí você
já sabe o rumo
que você vai ter
que tomar, onde
vai ter que ir, e
muitas vezes nós
não somos
capacitados
(Enfermeira G).

Ainda, revelou-se que essas profissionais se preocupam com as vítimas atendidas, percebendo o impacto da assistência no enfrentamento da situação:

Se o profissional
não tem
qualificação
para cuidar
dessa vítima
todo esse
atendimento vai
prejudicar na
recuperação da
vítima e
dificultar a
formação de

vínculo com o
paciente, que é
muito
importante no
trabalho da
equipe
(Enfermeira I).

DISCUSSÃO

Os profissionais que atendem vítimas de violência sexual em diversos momentos se sentem constrangidos e angustiados com a situação.⁸ Para aliviar esses sentimentos é necessário pensar em estratégias que propiciem e garantam também a saúde desses profissionais, pois os mesmos não receberam formação adequada para lidar com o fenômeno da violência sexual.⁸ O serviço deve criar condições emocionais e políticas de suporte de saúde ao trabalhador para ajudá-los a lidar com os sentimentos de impotência e experiências compartilhadas que podem afetá-los na sua multidimensionalidade.⁸

Para identificar a violência, deve-se ter qualificação, e desde a graduação os enfermeiros recebem orientação sobre a visão holística, a observar o paciente como um todo e criar um vínculo com o paciente e com a família. Contudo, alguns profissionais

Percebe-se, assim, que a assistência de enfermagem forense pode ser aprimorada por meio de qualificação profissional e educação permanente nos serviços.

não se sentem preparados para atender essas vítimas, visto que esse despreparo ocorre pela desarticulação da rede, ficando incapaz de resolver algumas situações.⁹

A insegurança e dificuldade de abordar os pacientes, demonstrada pela fala da Enfermeira D é reflexo da escassez de ambientes apropriados, ausência de capacitação profissional e falta de educação permanente e continuada.¹⁰

Em um estudo realizado com médicos que atendiam casos de violência sexual constatou-se que esses profissionais não participavam de capacitações por não serem comunicados ou liberados pela instituição em que trabalhavam, fato que gerava muito estresse, insegurança, medo e angústia, e que fazia os profissionais atuarem de forma intuitiva e sem aporte teórico e científico apropriado a uma situação tão peculiar.¹¹

O atendimento da violência sexual é um desafio para os profissionais de saúde, muitas vezes permeado pelo medo e pelo desconhecimento da real magnitude e impacto desse fenômeno para a sociedade, famílias e vida das vítimas.¹² Esta situação coloca em pauta a necessidade de se apropriar de um referencial teórico-analítico que permita a compreensão do problema considerando sua complexidade e suas diferentes formas de manifestação.¹²

Os protocolos são instrumentos importantes para aplicação da sistematização nas instituições de saúde, no entanto sua implantação deve ser realizada de forma correta, com clareza, de forma democrática ou participativa.¹³

Evidenciou-se que mesmo os profissionais que receberam qualificação para realizar esta tarefa não estão satisfeitos com o treinamento, pois ocorreu somente uma vez na abertura do programa e não houve atualização e educação permanente.

O aprimoramento e a educação permanente são elementos essenciais que refletem positivamente na atuação profissional.¹⁴ Desse modo, é imprescindível capacitar continuamente os profissionais para cuidar das vítimas e suas famílias, bem como receber apoio social, estrutura física adequada,

trabalho multidisciplinar satisfatório e aporte psicológico e emocional.⁸

Esse estudo confirma que o enfermeiro, bem como outros profissionais de saúde apresentam dificuldades ao se depararem com vítimas de violência sexual e se veem em meio a conflitos culturais, éticos e legais, o que requer conhecimento da legislação para uma assistência efetiva às necessidades das vítimas e das suas famílias.¹²

Além de a educação permanente ser disponibilizada aos profissionais que atuam no atendimento de pessoas vítimas de violência é de suma importância que esse tema seja incluso na formação do enfermeiro.¹² Da mesma forma, revela-se imprescindível o envolvimento dos serviços de saúde, dos órgãos de classe e das instituições de ensino superior na qualificação dos profissionais de enfermagem para uma atuação comprometida e competente.¹²

Nesta perspectiva a especialidade forense associada à enfermagem torna-se de fundamental importância para a sociedade, já que o enfermeiro forense pode auxiliar na justiça e no combate às forças de destruição humana (terrorismo, violência, fome, pobreza, subnutrição), proporcionando assim, maior segurança

para a população e contribuindo, inclusive, para promover saúde.¹⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa demonstrou que as enfermeiras do programa que atende vítima de violência sexual não se sentem preparadas para executar as atividades que foram atribuídas a elas, revelando que o serviço tem falhas na questão de educação permanente, deixando o profissional inseguro no atendimento às vítimas.

Outro ponto levantado com a pesquisa foi à necessidade de que os profissionais que atuam nesta especialidade sejam exclusivos para executar a tarefa, pois assim serão melhor qualificados e poderão se dedicar inteiramente a este paciente.

Sugere-se que seja implantado programa de educação permanente e continuada para os profissionais que

atuam no atendimento das vítimas de violência sexual atendidas no hospital. É imprescindível o envolvimento dos serviços de saúde, dos órgãos de classe e das instituições de ensino superior na qualificação dos profissionais de enfermagem para uma atuação comprometida e competente no que tange o campo da violência.

Conclui-se, portanto, que é necessário dar maior visibilidade a especialidade forense associada à enfermagem, já que o enfermeiro forense pode melhorar a situação de vida e saúde de pessoas vítimas de terrorismo, violência, fome, pobreza e subnutrição. Ademais, sugere-se a realização de novas pesquisas referentes à atuação da enfermagem forense, com vistas a subsidiar a melhoria da qualidade da assistência.

REFERÊNCIAS

1. Nery TPAB, Lages RCN, Tenório BMP, Monte NL. Revista Interdisciplinar. 2014;7(3):61-70.
2. Facuri CO, Fernandes AMS, Oliveira KD, Andrade TS, Azevedo RCS. Violência sexual: estudo descritivo sobre as vítimas e o atendimento em um

serviço universitário de referência no Estado de São Paulo, Brasil. Cad. Saúde Pública. 2013;29(5):889-898.

3. Basile KC, Smith SG. Sexual violence victimization of women: prevalence, characteristics, and the role of public health and prevention. Am J Lifestyle Med. 2011;5:407-17.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde.

Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: norma técnica. Brasília; 2012.

5. Silva KB, Silva RC. Enfermagem Forense: uma especialidade a conhecer. *Cogitare Enferm* 2009;14(3):564-8

6. Associação Brasileira de Enfermagem Forense. Regulamento das Competências Técnicas da Enfermagem Forense. Aracajú (SE): ABEFORENSE; 2015.

7. Minayo MCS. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciênc. saúde coletiva*.2012;17(3):621-626.

8. Wilhelm FA, Santos SA. Coping em profissionais que atuam com vítimas de violência sexual. *Psicol. Argum.* 2013;31(74):83-393.

9. Koller FJ, Schwiderski AC, Reis TAS, Novak NV, Peixoto PH. A importância do enfermeiro na ciência forense: uma revisão integrativa de literatura. *Revista das Faculdades Santa Cruz*. 2016;10(1):1-24.

10. Bezerra JF, Lara SRG, Nascimento JL, Barbieri M. Assistência à mulher frente à violência sexual e políticas públicas de saúde: revisão integrativa. *Rev bras promoç saúde*. 2018;31(1):1-12.

11 Paixão ACW, Deslandes SF. Análise das políticas públicas de enfrentamento

da violência sexual infantojuvenil. *Saude soc.* 2010;19(1):114-126.

12. Silva LMP, Ferriani MGC, Silva MAI. Atuação da enfermagem frente à violência sexual contra crianças e adolescentes. *Rev. bras. enferm.* 2011;64(5):919-924.

13. Werneck MAF, Faria HP, Campos KFC. Protocolo de cuidados à saúde e de organização do serviço. Belo Horizonte: Nescon/UFMG; 2009

14. Monteiro CFS, Morais SCR, Ferreira MTA, Carvalho RXC, Canuto MAO, Moreira ICC. Conhecimento dos enfermeiros sobre o Serviço de Atenção às Mulheres Vítimas de Violência Sexual. *Rev. bras. enferm.* 2008;61(4):454-8.

15. Moreira DS, Fernandes IJLS. A importância da enfermagem forense para saúde e segurança pública. *Revista Interfaces da Saúde*. 2014;1(2); 50-62.

Correspondência:

Maria Fernanda Pereira Gomes
Hospital Regional de Assis, Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo. Praça Dr. Symphrônio Alves dos Santos s/n Centro/19814015 - Assis, SP - Brasil
m_fernanda_pgomes@hotmail.com

Submetido em: 31/01/2019

Aceito em: 20/03/2019